

Delfim ataca: na minha época, era eu quem monitorava o FMI

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"Na minha época de ministro, era eu quem monitorava o FMI e não o organismo ao Brasil. Assinei sete cartas, que se tornaram inexecutíveis pela realidade." O comentário, feito ontem pelo ex-ministro do Planejamento e deputado do PDS, Delfim Netto, dá bem uma idéia do seu pensamento sobre o procedimento do governo Sarney na negociação da dívida externa. Segundo Delfim, "o que se faz agora é utilizar o problema da dívida externa para acobertar a incompetência e resolver os graves problemas da política interna".

O deputado paulista disparou críticas contra a política econômica do governo à saída do Plenário da Câmara, questionando a proposta que o de-

putado peemedebista Pimenta da Veiga trouxe de sua viagem aos Estados Unidos, a convite do Departamento de Estado. A nova fórmula em discussão de pagamento da dívida externa consiste na compra do débito, pelos bancos centrais dos países credores, com deságio de 45%. Os devedores pagariam suas dívidas pelo valor nominal em bônus emitidos para resgate entre 30 e 40 anos, com cinco de carência. "Mas quem vai pagar isso?", indagou Delfim.

Delfim Netto não se mostrou impressionado com as fórmulas trazidas pelos parlamentares, assegurando não haver problema em negociar com o FMI. Na sua opinião, as lideranças do PMDB estão querendo transformar o organismo numa besta do apocalipse. "O FMI não prescreve políticas ou modelos, como se disseminou

pelo País inteiro. E nem monitora as contas internas de qualquer país." A uma observação de que as cartas de intenção assinadas pelo governo anterior levou o País a viver situação surrealista sem cumprir nenhuma, ele respondeu: "E daí? A gente concorda com uma carta de intenções, que depois a realidade mostra ser inexecutível".

Ele disse também nunca ter existido no Brasil uma intervenção do FMI capaz de comprometer a soberania nacional. Segundo Delfim Netto, os relatórios do FMI eram sempre favoráveis ao País. "É uma estupidez, mais do que isso, uma burrice, imaginar que a senhora Ana Maria Jülle, do FMI, intervinha nos negócios do Estado. Ela era apenas uma funcionária que vinha colher informações para relatórios. Só isso."